



VOLUME - V.3
NÚMERO - N.2
DEZ. - 2025
ISSN: 2966-1439
P.436-441

CAMINHANDO COM OS MORTOS (2023), DE MICHELINY VERUNSCHK

RESENHA

VERUNSCHK, M. *Caminhando com os mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Gabriel Wirz Leite¹

Muitos romances brasileiros contemporâneos têm tematizado pautas sociais que, até pelo menos os anos 1970, não eram postas em cena ou então eram abordadas por pessoas das camadas mais privilegiadas do país — como os embates raciais e o problema da representação de personagens negras na literatura ser feita hegemonicamente por pessoas brancas, de modo que estereótipos raciais eram predominantes nessas narrativas. Nesse sentido, a partir de um olhar feito por pessoas que de fato detêm marcadores sociais de subalternidade, a literatura tem tido um papel de denúncia em relação aos diversos problemas enfrentados por grande parte da sociedade brasileira, como a violência de gênero e de cunho racial ilustrada em romances de escritoras como Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz. Pela forma como são retratadas, a violência e a crueza do cotidiano são elementos vistos pela crítica literária recente como tropos que estruturam uma reconfiguração do realismo enquanto modo estético, que se distingue das pretensões do realismo histórico do século XIX e de suas evocações na primeira metade do século XX. No entendimento de Scholhammer (2012), romances brasileiros

¹ Mestre em Literatura e Cultura (UFBA). Doutorando em Estudos Literários (UFMG). E-mail: gabrielwirz451@gmail.com.

contemporâneos apresentam-se no limite da representação e lançam mão de estratégias de performance à procura de efeitos e afetos em seu processo integral de realização. Nesse viés, tais narrativas questionam o realismo representativo pelo compromisso com a realidade social do objeto, por um lado, e, por outro, pela necessidade de encontrar estratégias criativas que se relacionem com a realidade ao valorizar a atividade literária e artística.

O romance *Caminhando com os mortos* (2023), da escritora pernambucana Micheline Verunschck, vencedora do prêmio Jabuti, insere-se nesse conjunto de obras que criam impactos afetivos ao tematizar densos problemas sociais de forma comprometida, sem abrir mão do uso de estratégias estéticas que tensionam o estatuto representativo e os limites entre o real e o ficcional. Em seus livros, a escritora coloca em cena problemáticas concernentes às vozes historicamente escamoteadas da sociedade brasileira, alinhando-se dessa forma ao contemporâneo discurso decolonial, como feito em *O som do rugido da onça* (2021), romance pelo qual recebeu o prêmio Jabuti. Nesta obra, Verunschck (2023) aborda o fanatismo religioso pela forma como tem ocorrido no Brasil durante as últimas décadas, fanatismo este que faz com que grupos de indivíduos normalizem o assassinato, o genocídio e a destruição supostamente em nome de suas divindades. Em *Caminhando com os mortos* (2023), é apresentada a violenta e pesada história de pais que queimam viva a sua própria filha, em prol de uma dantesca e suposta purificação sem justificativa, fora o pretexto banal da jovem Celeste não se comportar como desejavam os seus pais, Lourença e Ismênio. Talvez esse seja justamente o ponto: não há motivo que justifique a barbárie e o assassinato. A naturalidade da violência nefasta cometida por pais que matam a própria filha evidencia, de forma extrema, como a carnificina pode ser banal e qualquer um pode se transformar em um assassino, com o respaldo de uma fé cega que não abre mão da companhia de uma faca amolada. Para Lourença, o ato de queimar a própria filha é visto como um milagre, no qual “Celeste sairia das chamas ressuscitada numa nova mulher, que por sua vez seria límpida, casta, ordeira, de uma beleza santificada como a imagem da santa por quem um dia tivera devoção” (Verunschck, 2023, p. 120).

Diferente dos romances realistas oitocentistas, ou mesmo das reconfigurações neorrealistas brasileiras dos anos 1930, o livro de Verunschck (2023) é fragmentado e apresenta uma diversidade formal que transita pelo discurso indireto livre, por narrativas

em terceira e primeira pessoa, e mesmo pelo experimental registro de trechos do inquérito policial a respeito do crime, no segundo capítulo do romance. É interessante como tais trechos funcionam como um índice de realidade em relação à narrativa apresentada e ratificam a argumentação de Scholhammer (2012) a respeito das estratégias criativas do realismo afetivo da literatura contemporânea: ao apresentar características de uma textualidade documental e não-ficcional em um texto ficcional, a obra de Verunschck (2023) ao mesmo tempo tensiona o estatuto do ficcional e da mimese, se compromete com a realidade social e provoca afetos no leitor. Os capítulos do romance alternam relatos dos personagens a respeito do assassinato, que mostram suas perspectivas e suas histórias pessoais, como é o caso dos capítulos focados na mãe assassina Lourença. Nestes relatos, fica evidente como o fanatismo religioso doentio não surge do nada e pode ser explicado, embora jamais justificado. Quando Celeste — a filha que foi queimada viva — ainda era um bebê de colo, a sua irmã mais velha, a criança Quitéria, foi morta por um porco que se soltou do terreno do vizinho e essa perda jamais foi superada pela mãe. Lourença, fiel auxiliar da paróquia católica do distrito de Tapuio, por muito tempo se viu desencantada com a fé católica e o surgimento de uma nova igreja evangélica com as pregações do novo pastor funcionou como uma renovação em sua vida.

Assim como ocorreu com a personagem Lourença, muitas pessoas no país encontram em religiões uma forma de preenchimento pessoal e de renovação, por meio das congregações acessíveis e multiplicadas em suas comunidades. Ismênio, o marido de Lourença e pai de Celeste, por muitos anos fora um alcoólatra que vivia bêbado, e a religião funcionou como uma forma de abstinência e ordenamento pessoal. Uma das coisas mais perturbadoras desta narrativa ficcional que se apresenta por demais verossímil é justamente isso: é compreensível o caminho que leva as pessoas chegarem até as religiões — ou o desvirtuamento delas, através de indivíduos mal-intencionados que se aproveitam das fragilidades e carências das pessoas —, que vendem narrativas de esperança e renovação às pessoas, que acabam por conduzir suas vidas a partir dos ditames das lideranças dos ambientes religiosos.

Em um dos capítulos que apresentam os pensamentos de Lourença, interrogada com truculência e violência pela polícia ao longo do romance, fica nítida a denúncia dos discursos que culpabilizam as vítimas de abuso e violência, e que justificam o feminicídio por conta da ausência de Deus e da aproximação ao Diabo. Ao retomar as pregações do

pastor, Lourença pensa: “Lamentamos da desgraça e a morte, mas a vítima não tem sempre razão. Vejam! Moças de família, da Igreja, nunca estariam em lugar tão ermo com quem quer que fosse, ele dizia. O que aquelas mulheres faziam ali?” (Verunsch, 2023, p. 85). Afinal, por esse entendimento, por quê as vítimas de violência “não estavam em casa? Ou no culto?” (Verunsch, 2023, p. 85). Ismênio, o pai assassino, é retratado como embriagado com o lançamento de sua filha ao fogo, apesar de sóbrio. Se, por um momento, lhe pareceu errado tudo aquilo, e num “átimo sentiu pena ou remorso pelo que sabia que aconteceria, logo essa intenção se desmanchou. As palavras que ouvira anos a fio saindo da boca do pregador figuravam como entes, rápidas visagens, ora luminosas, ora sombrias” (Verunsch, 2023, p. 121), e que “lhe diziam que um pai sempre está certo, que o pai que se nega a fustigar o filho, não o ama” (Verunsch, 2023, p. 121). Esses pensamentos que reproduzem a fala do pastor são recorrentes em diversos ambientes que naturalizam coisas como assassinato e estupro, e acham justificável obrigar meninas de 12 anos a parirem crianças geradas pelo estupro de um familiar, como ocorreu recentemente no Brasil em um caso que ganhou a atenção da mídia. *Caminhando com os mortos* (2023) questiona, portanto, a precariedade da vida, e, em especial, a precariedade dos corpos femininos em um país que ainda vê mulheres como objetos de domesticação e uso.

O romance também denuncia como as mesmas lideranças que justificam o abuso e o feminicídio costumam estar atreladas a maquinações políticas e financeiras: no romance, a nova Congregação do distrito do Tapuio, que antes da chegada desta vivenciava uma predominância da fé católica, acaba caindo nas graças de Quinto, liderança política da região. Chega a ser risível como é ironizado o uso da palavra laico feito pelo político, no momento em que, a pedido do pároco católico, tentou frear a construção da Congregação evangélica e argumentar com o pastor que não seria um bom negócio construir o seu templo nessa região. Porém, após a tratativa, o político se impressionou com o pastor e resolveu auxiliar o empreendimento do novo estabelecimento religioso, justificando que “afinal, esse é um país laico, os senhores me entendam e não me levem a mal” (Verunsch, 2023, p. 74). Em pouco tempo, o político passou a ter um cargo de poder na Congregação da nova Igreja e consigo “levou não apenas o irmão, deputado bem votado da região, como vereadores, amigos próximos e correligionários” (Verunsch, 2023, p. 74). São colocados em cena, desse modo, os grupos

que entrelaçam política, religião e negócios, representativos de situações como a interferência de igrejas neopentecostais em políticas públicas, por exemplo. Um dos vários exemplos dessas práticas é o caso dos supostos estabelecimentos de saúde mental conduzidos por lideranças que pregam uma suposta cura à homossexualidade — como se esta fosse uma doença —, ações institucionalizadas por um Estado que deveria de fato ser laico e deixar a execução da saúde pública para profissionais de saúde de verdade. Porém, o que ocorre são práticas violentas que demonizam a diversidade de sexualidade, de identidade de gênero e naturalizam a precariedade da vida de grupos que carregam marcadores sociais de subalternidade.

Nos últimos capítulos do romance, que embora ainda apresente registros que ilustram o ponto de vista dos pais de Celeste, o foco recai para Eulália, a perita criminal responsável pela investigação do crime. Para a perita, a morte de Celeste a faz lembrar do assassinato de um amigo seu, Pedro, que, embora não seja esclarecido na narrativa, assemelha-se a um crime de ódio e de homofobia. Ao associar a morte de seu amigo, lembrada por conta do assassinato de Celeste, a personagem rememora a morte de um garoto negro provocada pela Ku Klux Klan. A mãe do jovem norte-americano decidiu que o caixão deveria ficar aberto, para as pessoas verem o que a sociedade branca racista dos Estados Unidos fizera com seu filho. Assim, a perita pensa: “olhei para Celeste e vi você, Pedro. E hoje chorei debruçada sobre a pia, me perguntando se não deveria ter convencido sua família a deixar o caixão aberto, se não seria essa a atitude certa a tomar” (Verunschck, 2023, p. 108).

Ao final da narrativa, é relatado que a personagem Lourença tem uma parada cardiorrespiratória durante a tortura sofrida pelo interrogatório policial e, ainda em seus momentos finais, a personagem se vê presa a delírios religiosos. Eulália, a perita, se vê em uma posição ambígua, entre questionar o ato cometido pelos seus colegas e o ódio que sentia da mulher que queimou a própria filha. Além disso, os próprios moradores do distrito do Tapuio, revoltados com a situação, acabaram por também queimar e destruir o próprio templo religioso. O romance não tem grandes e positivas resoluções, afinal: para todos os lados o que se encontra são as cinzas da dignidade da vida humana, a precariedade atribuída a vida de grupos subalternos, vítimas dos discursos de ódio, e o vazio desolador que resta de tudo isso. *Caminhando com os mortos* (2023) demonstra,

portanto, como os monstros da realidade podem ser piores do que seres sobrenaturais e como a ficção pode ser assustadoramente verossímil.

REFERÊNCIAS

SCHOLHAMMER, K. E. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. Brasília, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 39, p. 129-148.

VERUNSCHK, M. *Caminhando com os mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.